

Contamos o tempo desde que Luís Krus nos deixou. Faz agora sete anos. Sete anos de saudades para quem teve o privilégio de ser seu amigo, e de partilhar com ele entusiasmos intelectuais e afectos humanos. Sete anos em que o seu nome foi começando a perder os seus traços pessoais e a tornar-se, para quem não o conheceu em vida, uma referência erudita ou uma interrogação sem resposta imediata. Sem ele, o medievalismo português continua a desenvolver-se, apesar das dificuldades com que hoje tem de lutar, em ambiente mais competitivo e mais formal do que no seu tempo. Neste contexto, o Instituto de Estudos Medievais (IEM), por ele fundado, e que, de alguma maneira, o prolonga, continua vivo e com projectos promissores apesar de sujeitos a formalismos incómodos. O IEM ocupa um lugar sólido no panorama da investigação portuguesa na área das humanidades. Mas, no dia-a-dia, fazem-nos falta a humanidade, a paciência, o sentido da oportunidade, a capacidade de persuasão, a sabedoria conciliatória do seu fundador. O melhor fruto da sua memória, porém, é não desistir de trilhar o seu caminho. Com a passagem do tempo, esta memória tornar-se-á fatalmente mais difusa, e, se não for cultivada, menos produtiva. Precisa, pois de ser cultivada.

Por isso não posso deixar de apoiar a ideia de organizar uma exposição com alguns livros mais significativos do espólio que a sua família teve a generosidade de oferecer à biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). Os livros que escolheu, que o ajudaram a escrever os seus textos, a dar as suas aulas, a compreender as interrogações da época e da sociedade que procurou explicar põem-nos em contacto com a sua personalidade. Por meio dos seus livros está de novo connosco. Os seus livros revelam algumas das facetas da sua personalidade, das temáticas que estudava com mais afinco ou das fontes artísticas que o inspiravam. Ao mesmo tempo, são-nos oferecidos como alimento das nossas próprias interrogações. Luís Krus oferece-os sem restrições, como um dom gratuito, a quem quiser servir-se deles para investigar a época que atraiu a sua curiosidade e a sua paixão. São a expressão material da generosidade com que distribuía o seu saber sem impor nada a ninguém.

José Mattoso
Junho de 2012

A biblioteca pessoal do professor Luís Krus, que hoje integra os fundos da Biblioteca Mário Sottomayor Cardia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL) foi pacientemente construída ao longo de mais de 30 anos ou seja, desde os anos finais do ensino secundário até ao momento que nos deixou, em 2005. Os volumes que a contêm, muito manuseados porque lidos, relidos e consultados regularmente, revelam o percurso profissional do seu proprietário, começado num interesse pela História que uma incursão no curso de Direito não foi capaz de abafar e que, depois da licenciatura em História, prosseguiu através da actividade docente universitária na FCSH, na qual pôs o melhor do seu entusiasmo, rigor e saber, marcando sucessivas gerações de estudantes.

Trata-se de uma biblioteca de grande coerência pois architectou-se em função do principal interesse ou talvez seja melhor escrever paixão, de Luís Krus: a Idade Média. Porém, enquanto em relação à produção historiográfica portuguesa o seu critério era a exaustividade, em relação à bibliografia estrangeira, em tempos mais difícil de adquirir do que nos dias de hoje, as escolhas concentravam-se nas obras de história cultural, na verdade as que mais podiam enriquecer a composição das suas aulas e a escrita dos seus trabalhos de investigação. Daí a utilização, bem precoce entre nós da obra de Aaron Gourevitch, *Les catégories de la culture médiévale* ou dos livros M.T. Clanchy em torno da produção da memória escrita.

Mas, a composição desta biblioteca revela-nos ainda um pouco da forma, muito original e inovadora com que estruturava as suas interpretações da Idade Média portuguesa e que se encontram plasmadas na sua bibliografia, sobretudo na sua tese de doutoramento elaborada a partir da informação dos Livros de Linhagens medievais – *A concepção nobiliárquica do espaço ibérico* – ou nos estudos paradigmáticos sobre as inquirições régias do século XIII.

Declaradamente interdisciplinar, Luís Krus era um ávido leitor de Antropologia, Literatura e Sociologia de onde retirava matéria para profundas reflexões que incorporava nos seus estudos, os quais se baseavam numa profunda e rigorosa análise das fontes medievais, sobretudo, dos textos narrativos ibéricos, os quais estavam presentes de uma forma assaz significativa na sua biblioteca, no que, em alguns casos constituem exemplares únicos disponíveis em Portugal.

A selecção bibliográfica que hoje se apresenta nesta pequena exposição pretende ilustrar as orientações daquilo que era a sua oficina de historiador, onde se refugiava para trabalhar mas que não recusava partilhar, emprestando quer a alunos quer a colegas, os seus livros de referência.

Assim, temos aqui as fontes, quer através das que foram base da sua investigação, como é o caso dos *Livros de Linhagens*, da *Crónica geral de Espanha de 1344* ou de textos narrativos como *El conde de Lucanor*, crónica abreviada de D. Juan Manuel, ou as hagiografias que tanto o fascinavam, como é o caso da *Vida e Milagres de S. Rosendo*. Fontes que analisava com o maior cuidado, recorrendo a estudos de referência como os de Diego Catalán Menéndez Pidal, de Manuel Dyaz y Diaz ou de Lindley Cintra, que integram a sua biblioteca e hoje aqui se apresentam.

Mas também se exibem exemplos do seu interesse pela integração de contributos interdisciplinares no seu pensamento, como é o caso das obras de Marcel Mauss, de Jack Goody, de Lisón Tolosana ou de José António Maravall.

E de entre uma selecção de obras reveladoras da sua permanente actualização bibliográfica ressaltam alguns dos seus autores «clássicos» favoritos como Marc Bloch ou Ernst Kantarowicz, cujas páginas não considerava envelhecidas ou ultrapassadas pois sempre aí encontrava novas sugestões de pesquisa e de reflexão.

A mostra agora disponível procura chamar a atenção para um espólio muito mais vasto e de uma enorme riqueza, como sempre é tudo aquilo que se constrói com inteligência, entusiasmo e paixão.

Amélia Aguiar Andrade

5 de Junho de 2012

Não é sem um certo tremor que se aceita um convite como o que a Directora da nossa Biblioteca me endereçou, o de apresentar em breves palavras esta pequena exposição, uma exposição que despretensiosamente pretende chamar a atenção para a importância de um espólio bibliográfico. A emoção provém, não da apresentação em si, mas do facto de se tratar de um espólio, o que nos lembra de forma demasiado forte que o seu detentor já não está vivo.

É uma sensação estranha, esta que resulta de tentar apresentar uma “biblioteca pessoal”, e de tentar explicar como este espólio é valioso e excepcionalmente útil para todos nós, sem ceder à tentação de sondar o homem por detrás desta colecção, desta coisa muito medieval que é compilar, juntar com sentido, e do que ela também nos diz de como se constrói o conhecimento - um conhecimento - revelando-nos assim, com tocante proximidade, um homem com o qual muitos de nós tiveram a sorte e o privilégio de ainda privar. Luis Krus, era uma mente viva, desperta, curiosa, rigorosa e erudita, que tinha a sorte de ser ainda bem complementado, na sua racionalidade, por um coração abundante, uma sensibilidade aguçada e uma gentileza discreta que faziam com que sempre se destacasse no meio de qualquer multidão, malgrá lui, pois julgo que isso era invariavelmente a última coisa que ele gostaria que acontecesse.

O Professor Luís Krus, que integrou o corpo docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas desde os seus inícios, marcou esta casa, a historiografia portuguesa e todos aqueles que cruzaram o seu caminho de uma forma muito especial. A sua obra, não demasiadamente prolífica, mas sempre, sempre marcante e inovadora - talvez em tempos de pura econometria, ou bibliometria, no nosso caso, pudéssemos e devêssemos tirar alguns ensinamentos do seu exemplo, ainda e mais uma vez muito à maneira do que acontecia com os exempla medievais- tocava decisivamente os que cruzavam o seu caminho com a sua mente brilhante, que a sua obra reflectia. Mas também com a sua profunda dedicação aos estudantes e aos temas que o apaixonavam, e com uma capacidade infinita de encontrar tempo para os outros e de parecer que nunca tinha pressa.

A morte demasiado prematura roubou-nos a todos do seu convívio, aos estudantes de um professor carismático e ao mundo académico dos trabalhos que ele ainda queria produzir, mas já não teve tempo. Deixou-nos, contudo, não só a sua obra e a sua memória, mas também os seus livros. Não os que escrevia. Os que lia. E é por isso que hoje estamos aqui reunidos, nesta simples mas muito bem pensada mostra, nesta exposição de alguns exemplares muito representativos do historiador que ele era e da biblioteca pessoal que ao longo da vida juntou e que quis legar à sua FCSH. Deu-nos, por isso, permissão para partilhar algo de muito pessoal, a sua livraria, e nisso não posso deixar de ver a sua genuína crença na partilha do conhecimento, no diálogo académico, na dádiva e na partilha intelectual. Julgo que todos que o conhecemos concordaríamos que ele gostaria imenso da ideia de ver novas gerações de estudantes e medievalistas a ler os seus livros, e a estudá-los, a dar-lhes nova vida, a re-pensá-los, re-interpretá-los, re-criticá-los, dar-lhes nova vida, fazê-los dizer outras coisas que ele próprio não vira ...

Não se pode falar da biblioteca de um homem sem falar dele, no mais íntimo da sua realidade, dos seus gostos, das suas escolhas. Não vale a pena tentar, nem sei se seria útil. Por mais que olhar para a biblioteca de uma pessoa possa parecer voyeurismo intelectual, por estarmos realmente a penetrar no mais pessoal de outrem, e daquilo que mais lhe interessava e mais o fazia vibrar, a tentação é demasiado forte. E, ao fim e ao cabo, temos licença para o fazer.

A obra desta vida, embora demasiado curta, e o caminho percorrido, são por demais evidentes quando começamos a analisar o seu acervo bibliográfico: trata-se de uma tarefa aliciante pois insensivelmente transporta-nos ao mundo dos livros que o rodeavam e que faziam dele o que ele era, como historiador. Passa-se com este acervo o mesmo que se passa quando passemos os olhos pelas estantes da casa de um amigo, a ver se encontramos algo que também a nós nos interesse, ou quando nas estantes de uma biblioteca em acesso directo encontramos um livro inesperado que nos desperta para algo em que não tínhamos reparado, e para o sentido que aquilo faz ali, e não noutra local.

Aqui, o que temos é uma verdadeira oficina de um medievalista... é o historiador ao trabalho que esta biblioteca nos revela, descobrindo-nos, não um medievalista qualquer, mas este medievalista, as ferramentas mentais de que se rodeava, a matéria prima que usava, o aparelho teórico, a construção sistemática, o trabalho da escrita, o gosto pela conjugação das construções teóricas e do seu confronto com as realidades particulares.

Esta pequena mostra é reveladora do resto do seu acervo, uma amostragem dos interesses de Luis Krus: o recorrente regresso às fontes, a abordagem interdisciplinar, a integração dos contributos da literatura, da filologia, da arte, da antropologia, da sociologia, o estudo dos documentos no seu original e as produções das diversas escolas históricas, da francesa à alemã, passando pela inglesa e americana. O mundo da produção historiográfica dos nossos vizinhos mais próximos é obviamente uma presença constante, sobretudo no que se produzia de mais moderno, e o contributo da historiografia de toda a América Latina, incluindo o Brasil, também está presente.

Este era um historiador verdadeiramente eclético, nos seus gostos como nas metodologias a que fazia recurso, e nota-se bem que fazia da frequência e da revisitação das fontes e dos os livros , do seu cuidadoso escrutínio, uma prática quotidiana.

Este acervo que agora todos temos ao nosso dispor, abre-nos as portas a algumas obras que não se podem encontrar em mais lado nenhum, em Portugal. Não são raríssimas primeiras edições ou incunábulo de grande valor económico. Trata-se sim, de preciosíssimos exemplares únicos (em Portugal) de obras absolutamente fundamentais para qualquer medievalista que se preze, e que tão frequentemente só se encontram... nas bibliotecas particulares dos especialistas nessas matérias. Este espólio revela alguém que apreciava e conhecia o que de melhor e mais actualizado se produzia sobre as grandes teorias historiográficas, sociológicas e antropológicas, o contributo de todas as restantes ciências sociais e humanas para a história, como o estudo particularizado sobre uma região, uma cidade, uma família ou uma narrativa particular, ínfima, microscópica, até. Que conhecia e estudava relatórios de escavações como trabalhos de história económica, obras sobre as mentalidades como de teoria e crítica literária e de teoria e história da arte.

Luis Krus compreendia, e isso é evidente quando se analisa o seu acervo documental, como para um medievalista é importante trabalhar da forma o mais abrangente possível, lançando mão de todas as metodologias e recursos que nos permitam entender melhor uma época tão distante e tão próxima, tão complexa e tão profunda, onde tudo se relaciona com tudo...

Como se estivéssemos face a um qualquer texto medieval - para voltarmos de novo a uma metáfora da época que nos apaixona a todos - onde a imagem e o texto são tão relevantes como a mensagem que se quer veicular, onde a mise en page é uma eterna mise en scène e onde o que se pretende dizer é tão relevante como a forma como se diz. Onde o que se diz vale pelo que se diz, pelo que se não diz e pelo que se pretende que se julgue que se diz... e assim eternamente. Sem cesso.

É com esta mensagem de infinitude que quero calar-me, porque as palavras, essas que tão prolificamente abundam nos livros do Luis Krus, por vezes obstam ao sentido.

O importante é que agora temos aqui, disponível para todos, uma colecção preciosa, aguardando que todos lhe possamos dar novas vidas e novos sentidos, numa homenagem quotidiana, nesse uso, ao historiador e ao homem que quis deixar-nos os meios e as ferramentas do seu profundo amor pela Idade Média. E do seu particular labor como artífice do medievalismo.

Aproveitemos, pois.

Maria João Branco
Junho de 2012